

A QUEBRA DE ESCUDOS E DE CUNHOS E AS MOEDAS HÍBRIDAS

Por: PAULO FERREIRA DE LEMOS

A quebra de cunhos e escudos era uma prática observada até ao século XIV e consistia na destruição de cunhos monetários, escudos de armas nobiliárquicas e selos, imediatamente à morte do soberano, constituindo um sinal de luto e correspondendo à tradicional fórmula «Morreu o Rei». «Viva o Rei».

Este problema foi tratado por Batalha Reis que, muito acertadamente, opôs a ideia de que as moedas híbridas de dois reinados resultaram dum mero acidente ou engano na confecção dos numismas, à hipótese de que essas moedas mostram a associação ao trono do futuro soberano.

E assim diz: «As moedas híbridas, não são mais, pois que o resultado duma troca de cunhos, sem qualquer significado que não seja a de simples deficiência de fabricação».

Por feliz acaso posso adiantar pequeno aditamento, pois que, por deferência do senhor José Maria Serrano Vieira, distinto coleccionador, foi-me possível incluir na minha colecção um real branco de D. Afonso V, híbrido com D. Duarte, isto é, de anverso em nome de Afonso e de reverso em nome de Duarte, mas a amabilidade do referido coleccionador não ficou por aqui, e assim permitiu que outro exemplar idêntico, esse da sua colecção, em melhor estado de conservação, servisse de base a este artigo. Aqui lhe ficam os agradecimentos devidos.

Esta moeda, que se descreve é sem dúvida testemunho que a prática da quebra de cunhos remonta a data mais antiga do que a indicada por Batalha Reis.

Diz o referido autor:

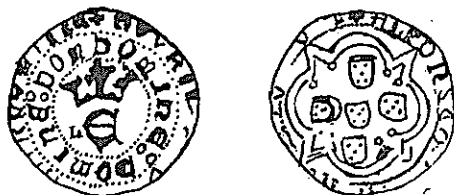
«Olhando o panorama monetário verifica-se que a moeda híbrida mais antiga que se conhece data do reinado de D. João II, com o cruzado híbrido D. Afonso V — D. João II.....» e ainda que «essa antiga prática de quebra efectiva dos cunhos deixou de se realizar com vigor desde o final do século XV».

Batalha Reis não conhecia o real branco a que nos estamos referindo e daí esta sua opinião e também a de que a prática da quebra dos cunhos é do fim do século XV quando, tendo em vista esta moeda, fácil é dizer que «essa antiga prática de quebra efectiva dos cunhos deixou de se realizar»

pelo menos no segundo quartel do século XV, visto o começo do reinado de Afonso V ter sido no ano de 1438.

A hipótese da associação ao trono do herdeiro presuntivo é, por outro lado, de rejeitar, por incongruência, visto D. Afonso V ter sucedido a seu pai, apenas com 6 anos, idade pouco própria para ter sido associado ao trono e assim ficará muito abalada a teoria da associação no trono, de Afonso V, de D. João II, resultante do conhecimento do cruzado híbrido a que Teixeira de Aragão faz referência.

Apresenta ainda esta moeda uma particularidade extremamente interessante que consiste em a legenda do reverso, em nome de D. Duarte, ser muito diferente de todos os reais brancos meus conhecidos.



Assim a legenda do círculo exterior não tem inscrita a fórmula ADIVTORIVM-NOSTRUM e mais parece ser uma inscrição com o nome de EDUARDUS, todavia a dificuldade de leitura não permite assegurar que assim seja; o mesmo não sucede ao círculo interior, pois esse se encontra extraordinariamente bem conservado e nele se lê: DOMINE : DOMINE : : DOM quando em outros exemplares descritos ou de mim conhecidos a inscrição é a continuação da legenda do círculo exterior, isto é: QI — FECIT — CELU.

A descrição completa da moeda, cuja gravura acompanha este escrito, será então::

Anverso:

O escudo das quinas, cercado por arcos ogivados com um círculo de pontos tendo em volta a legenda: ALFONSU ... RE ... GAL.

Reverso:

No campo, dentro de um círculo de pérolas, «E» coroadado, com a letra monetária L à esquerda. Em dois círculos concêntricos, separados por um círculo de pérolas, a legenda: EVVAVS ... D ... A ... NO DOMINE : : DOMINE : DOM.